

## Hipermodernidade e a desaceleração do ritmo de vida provocada pela pandemia de Covid-19

*Hypermodernity and the slowdown in the pace of life caused by the Covid-19 pandemic*

Patricio Dugnani<sup>a</sup>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7877-4514>.

Submetido em: 07/ 07/2020. Aceito em: 29/09/2020.

### Resumo

Neste artigo pretende-se discutir qual o efeito da desaceleração provocado pela pandemia do Covid-19 no ser humano, principalmente com foco na desaceleração produzida pelos limites de velocidades naturais apresentada por Hartmut Rosa. Metodologicamente essa argumentação será baseada num levantamento e revisão bibliográfica sobre as ideias de aceleração e desaceleração, inércia, bem como da observação dos efeitos que o último processo, de desaceleração, tem produzido no comportamento humano na Hipermodernidade.

**Palavras-chave:** Aceleração. Desaceleração. Covid-19.

### Abstract

In this article, we intend to discuss the effect of the slowdown caused by the Covid-19 pandemic on humans, mainly with a focus on the slowdown produced by the natural speed limits presented by Hartmut Rosa. Methodologically, this argumentation will be based on a bibliographical survey and review on the ideas of acceleration and deceleration, inertia, as well as the observation of the effects that the last process, of deceleration, has produced on human behavior in Hypermodernity.

**Keywords:** Acceleration. Slowdown. Covid-19.

### Introdução

Entre o final de março e começo de abril de 2020, ninguém estava preparado para se deparar com uma situação tão radical quanto a imposta pela pandemia de Covid-19 que chegou ao Brasil. Em poucas semanas, os ritmos de vida, a produção industrial, ou seja, todo o cotidiano de milhões de pessoas se modificou radicalmente. As cidades ficaram mais vazias, embora não desertas, diminuição de veículos na rua, fechamento do

---

<sup>a</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil. E-mail: [patricio@mackenzie.br](mailto:patricio@mackenzie.br)

comércio, entre outras situações inéditas afligiram a população. Agora, passados alguns meses, talvez seja possível refletir melhor sobre esse fato, e buscar compreender seu processo de funcionamento e, quiçá, buscar projetar algum futuro, ou pelo menos, fazer alguma sobre essa situação diferente que se está vivendo. Uma situação que já ganhou até mesmo um nome, o novo normal. Ou seja, por tão prolongada que essa crise se apresenta, ela não ganhou a pecha de anormal, mas sim de um novo normal, o qual é apresentado ao humano da Hipermodernidade, como uma nova rotina, na qual será necessária uma adaptação radical. Dessa forma, bem-vindos à nova normalidade.

Como este artigo se caracteriza como sendo teórico e exploratório, foi feito um levantamento bibliográfico baseado em livros e artigos publicados, tanto de forma impressa, como virtual. Esse levantamento teve como objetivo o de obter dados e buscar conceitos que possibilitassem constituir uma base teórica, a qual orientasse a observação do fenômeno da nova normalidade, perante a crise imposta pela pandemia de Covid-19, relacionando essa crise à questão da desaceleração do ritmo de vida.

Para observar essa nova normalidade, pretende-se iniciar a reflexão, baseada na visão de Hartmut Rosa em seu livro *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade* (2019). Embora sejam muitas questões que precisam ser abordadas sobre essa nova normalidade imposta pela pandemia de Covid-19, será eleita nesse artigo, apenas uma: o efeito dos processos de desaceleração no humano da Hipermodernidade. Esse efeito torna-se mais sensível, quando se pensa que esse humano hipermoderno, vem nas últimas décadas sofrendo um processo inverso do imposto pela pandemia de Covid-19. Ao invés de desaceleração, o humano hipermoderno vem sofrendo os efeitos da aceleração. Para observar esse fenômeno, Rosa (2019) apresenta suas cinco categorias da desaceleração, a qual denomina também como inércia: limite das velocidades naturais, ilhas de desaceleração, lentificação como efeito colateral disfuncional, duas formas da desaceleração intencional (desaceleração como ideologia e desaceleração como estratégia de aceleração), enrijecimento estrutural e cultural (ROSA, 2019). Sendo assim, a partir delas que será feita essa reflexão.

Além das ideias de Rosa (2019) sobre a aceleração e desaceleração, serão observadas as questões da incerteza do mundo líquido e do mal-estar da modernidade dos estudos de Zygmunt Bauman (1998). Além disso, serão levantados também, de Joel Birman (2012), os efeitos dessa aceleração no humano na contemporaneidade.

Para iniciar esse debate sobre a inércia, um item que se refere à desaceleração imposta pelos limites de velocidades naturais ganha destaque, pois se refere aos limites

da aceleração perante fenômenos naturais, como por exemplo o limite do cérebro, da reprodução de matérias-primas e do limite do ecossistema.

Tomando essa reflexão sobre o quadro atual, vive-se um processo de desaceleração através de limites de velocidades naturais impostos pela pandemia de Covid-19. O isolamento social tem obrigado parte da população, e da economia a desacelerar seus processos de produção, tanto de materiais, como de eventos e experiências vividas presencialmente (não virtualmente). Esse processo de desaceleração tem produzido algumas consequências que se pretende discutir neste texto. As consequências vão de falências de empresas, até a melhoria da poluição no meio ambiente, ou seja, é possível observar tanto consequências positivas, como negativas, por mais paradoxal que possa parecer. Partindo dessa ideia, principalmente com foco na desaceleração produzida pelos limites de velocidades naturais, pretende-se discutir neste artigo, uma dessas consequências: a desaceleração provocada pela pandemia do Covid-19 no ser humano tem produzido um aumento do mal-estar psíquico no humano da Hipermodernidade?

### **Aceleração e desaceleração**

Hartmut Rosa (2019) observa que a Hipermodernidade (definida por alguns como modernidade tardia ou Pós-modernidade) apresenta um sintoma bastante comum: a aceleração. Essa aceleração atinge diversas dimensões da sociedade. Pode-se verificar a aceleração na percepção da passagem do tempo pelo humano, a aceleração na produção de bens de consumo, a aceleração do ritmo de vida, a aceleração nas transformações sociais e etc. Nesse sentido, a Hipermodernidade se caracteriza como uma aceleração da própria Modernidade. Para Rosa (2019) as sociedades modernas (e, para este artigo, sua versão tardia, a Hipermodernidade), se organizaram em torno de um processo de aceleração que somente se estabiliza dinamicamente, ou seja, somente é capaz de se equilibrar em um movimento cada vez mais veloz e frenético.

Primeiramente, conceituo o processo de aceleração aqui exposto como sintoma e consequência da circunstância de serem as sociedades modernas capazes de se estabilizar apenas dinamicamente, de serem sistemática e estruturalmente dispostas a crescer, transformar-se e acelerar-se sempre mais para poder conservar sua estrutura e estabilidade. Em segundo lugar, comecei a elaborar sistematicamente o conceito de ressonância, até aqui apenas insinuado, como

contraconceito à alienação [*Entfremdung*], e, com ele, a propor uma nova medida para a vida bem-sucedida (ROSA, 2016, p. 09).

Nicolau Svecenko já identificava esse fenômeno na Modernidade, e em seu livro *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa* (2004), estabeleceu a metáfora da montanha-russa para representar a vida do humano nesse período. Nessa metáfora, o mundo contemporâneo se apresenta como uma trajetória similar à da montanha-russa com seus *loops*. A cada instante, sem direito a escolher a direção, e em alta velocidade o ser humano se deixa levar pela aceleração do carrinho, o qual muda radicalmente de direção, causando uma sensação de vertigem e de aumento de adrenalina. Essa sensação atinge os corpos daqueles que se entregam à velocidade e às mudanças constantes, fazendo que se tornem dependentes dessa sensação. Nesse abandonar-se à aceleração busca-se cada vez mais a radicalização do aumento da velocidade e das mudanças de trajetória. Sendo assim, esse humano que se entrega à aceleração, torna-se mais dependente desse ritmo frenético, e deixa de refletir sobre a importância do trajeto, deixando-se levar de maneira alienada à sensação veloz das mudanças intensas. No entanto, essa sensação dura pouco tempo, levando o sujeito a buscar cada vez mais essa experiência, não importando para onde essa trajetória irá guiá-lo. Nesse sentido, o sujeito alienado pela busca constante em preencher seu vazio existencial (ROSA, 2020), pela sensação constante de aceleração, entrega-se ao prazer instantâneo e rápido que esse processo pode lhe oferecer. “Chamemos esse efeito perverso pelo qual a precipitação das transformações tecnológicas tende a nos submeter a uma anuência passiva, cega e irrefletida, de síndrome do loop” (SEVCENKO, 2004, p. 16).

Por isso, a sociedade da Hipermodernidade somente consegue se organizar dinamicamente, o que causa sua dependência por velocidade e pelas transformações mais aceleradas. Refletindo sobre essas considerações, pode-se entender que, se ocorrer um processo de desaceleração, esse humano da Hipermodernidade, bem como sua organização social, cultural, política e econômica, irá sentir uma sensação de mal-estar. Essa sensação de mal-estar pode levá-lo a desenvolver sintomas psíquicos, como por exemplo, a depressão, o *burnout* ou uma crise de ansiedade. Lembrando que a questão do mal-estar na modernidade resgata-se do discurso de Zygmunt Bauman, feito em seu livro “O mal-estar da Pós-modernidade” (1998), porém, neste artigo, no entanto, procura-se ampliar a questão apresentada pelo autor. Para Bauman (1998), o mal-estar provém da troca de liberdade pela sensação de segurança, no entanto, observa-se aqui, que esse mal-

estar tem origem, para além dessa troca apresentada por Bauman (1998), mas pode ser desencadeado, também, por um processo de desaceleração e a dessincronização na sua relação com os processos de aceleração apresentados pela Hipermodernidade, mas já sentidos na Modernidade.

Pois bem, hoje vive-se um tipo de mal-estar quando se verifica o processo de desaceleração causado pela pandemia de Covid-19. Essa desaceleração se fez presente, no âmbito mundial, pela crise causada pela pandemia de Covid-19, quando vivenciada através do isolamento social, o fechamento do comércio, entre outras medidas, que causaram uma desaceleração no ritmo da vida do ser humano da Hipermodernidade. Esse processo tem provocado um sofrimento, um mal-estar para esse humano, além de atingir seus processos de produção econômica, baseados no modelo capitalista, segundo Harvey (1996), o qual já imprime um modelo de alta performance, tanto da produção de bens, como da atividade humana, ou da quantidade de experiências vividas num determinado período.

A aceleração do tempo de giro na produção envolve acelerações paralelas na troca e no consumo. Sistemas aperfeiçoados de comunicação e de fluxo de informações, associados com racionalizações nas técnicas de distribuição (empacotamento, controle de estoques, containerização, retorno do mercado etc.), possibilitaram a circulação de mercadorias no mercado a uma velocidade maior. (HARVEY, 1996, p. 257)

Tanto Harvey, em seu livro *A Condição Pós-moderna* (1996), quanto Rosa (2020) já indicavam que essa aceleração do mundo pós-moderno ou Hipermoderno induz o indivíduo contemporâneo a uma busca constante e frenética por transformações, por inovações. Essa aceleração em direção às transformações cada vez mais rápidas, acaba por criar uma compressão do espaço/tempo, ampliando a sensação de tempo acelerado e premência do indivíduo a equiparar essa velocidade das inovações à sua performance produtiva.

Daí derivam, de um lado, a compulsão ao crescimento econômico de todas as formações capitalistas conhecidas; de outro, no entanto, também a perpétua aceleração técnica no sentido da progressiva “compressão espaço temporal”, identificada por David Harvey (1990, p. 240-307); e, por fim, a compulsão à contínua inovação social (ROSA, 2019, p.17).

Essa necessidade em relação à manutenção da aceleração da produção, acaba por exigir do humano da Hipermodernidade uma aceleração de sua performance. Essa aceleração da necessidade de uma performance cada vez mais rápida, desenvolve um senso competitivo nesse humano, o qual, segundo Rosa (2019), abandona seu projeto de vida, em nome do aumento de produção, levando-o a um processo de alienação. Retomando a ideia de Scevcenko, o humano da contemporaneidade se entrega à trajetória radical da montanha-russa.

Hoje observa-se, ao contrário, o completo abandono e a reversão dessa relação: o projeto de vida serve ao objetivo de acompanhar o jogo de aumento, de permanecer ou tornar-se competitivo. Individual e coletivamente, fantasias de dar forma à vida, e as energias investidas, se direcionam, cada vez com mais intensidade, à manutenção da capacidade de aumento. A promessa fundante da Modernidade é quebrada com isso. Pela imposição da lógica de aumento exaure-se a margem de ação da autonomia, individual e política (ROSA, 2019, p.25).

Compreendida essa questão da necessidade de aceleração que o humano e a sociedade hipermoderna projetaram para si, é preciso, mesmo antes de se aprofundar na questão dos efeitos da desaceleração, entender o que é a aceleração na Hipermodernidade.

### Da aceleração

Rosa (2019), quando analisa o processo de aceleração, classifica-o em três tipos, os quais estão interligados. Contudo, além de apresentar três tipos de aceleração, demonstra, também, os três tipos de compressão que essas acelerações promovem na sociedade hipermoderna. A primeira aceleração é a tecnológica, ou seja, aquela produzida pelas rápidas transformações que a evolução técnica tem imprimido na sociedade. Essa aceleração tecnológica, para o autor, tem produzido uma compressão da relação entre o espaço e tempo. Dessa aceleração tecnológica uma que se destaca nesse artigo, como uma forte influência da sensação de compressão do espaço/tempo são as rápidas transformações técnicas que os meios de comunicação apresentam. Essas transformações tecnológicas dos meios, concordando com Marshall McLuhan (2016), não apenas modificam os sistemas tecnológicos, mas imprimem mudanças na própria organização da sociedade.

Tomando as ideias de McLuhan (2016) e levando em consideração que os meios de comunicação são extensões do humano, as transformações tecnológicas produzem mudanças no comportamento e na consciência humana. Afinal, quanto mais os meios ampliam a percepção humana, mais informações e mais experiências se tornam disponíveis a ele.

Durante as idades mecânicas projetamos nossos corpos no espaço. Hoje, depois de mais de um século de tecnologia elétrica, projetamos nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço (pelo menos naquilo que concerne ao nosso planeta). Estamos nos aproximando rapidamente da fase final das extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos (MCLUHAN, 2016, p. 16).

Com o aumento da velocidade de experiências vividas pelo humano, agora não mais em uma dimensão regional, mas sim, global, ele acaba por sentir que tanto o espaço, quanto o tempo estão sendo comprimidos, essa sensação é o que Rosa (2019) e Harvey (1996) denominam como sendo a compressão espaço/tempo.

Outra aceleração descrita por Rosa (2019) é a denominada aceleração das mudanças sociais, a qual causa uma compressão do presente. Nesse caso, como as mudanças sociais se apresentam de maneiras mais rápidas, inclusive através da maior difusão de informação pelos meios de comunicação (MCLUHAN, 2016), o humano da Hipermmodernidade tem a sensação de um presente comprimido, principalmente porque, em meio a tantas incertezas que essas transformações produzem (BAUMAN, 1998), o futuro parece cada vez mais imprevisível. Com a incapacidade de projetar um futuro, o humano hipermoderno se agarra ao presente, buscando cada vez mais experiências imediatas, levando à compressão do presente, descrita por Rosa (2019).

A última aceleração apresentada por Rosa (2019) é a aceleração do ritmo de vida, a qual causa uma compressão das experiências. Levando em consideração o que foi apresentado até agora, pode-se perceber que a aceleração tecnológica e das mudanças sociais, leva, conseqüentemente, a uma aceleração das experiências. Pelos meios de comunicação, e pela extensão da percepção humana que eles produzem, a quantidade de experiências vividas tende a aumentar num mesmo período de tempo, comprimindo-se, criando assim uma saturação nos sentidos humanos. Com essa saturação, o humano

hipermoderno torna-se cada vez menos sensível às experiências. Essa crescente insensibilidade leva o sujeito a buscar cada vez mais novas, e mais radicais experiências, causando um embotamento em seus sentidos. Com essa visão, retorna-se à montanha-russa de Sevchenko (2004), pois no movimento alienado da montanha-russa, busca-se cada vez mais novas experiências, de preferência mais radicais, em um tempo cada vez mais curto.

A esse processo de aceleração que o sujeito hipermoderno se entrega. Ao se entregar à sensação de aceleração, cada vez mais e de maneira, também, mais alienada, esse sujeito não consegue se separar da necessidade mais intensa por novas experiências. Com isso toda sociedade da Hipermodernidade está presa a esse equilíbrio dinâmico, conforme disse Rosa (2019), tornando-se cada vez mais dependente desse processo. Logo, toda sociedade hipermoderna está presa nesse equilíbrio dinâmico, baseado em movimentos cada vez mais acelerados. Por causa desse círculo vicioso criado pelo processo de aceleração na Hipermodernidade, a desaceleração causada pela pandemia do Covid-19 causou problemas que afetaram tanto a economia, quanto a psique humana, entre outras dimensões sociais e culturais.

### Da desaceleração

Assim como Rosa descreve a aceleração, ele também apresenta o movimento contrário, a desaceleração. Para Rosa (2019) a desaceleração pode ser denominada como inércia, embora o autor veja a inércia como desaceleração, neste artigo discorda-se em parte dessa visão. Nesse sentido entende-se aqui, como inércia, tanto a desaceleração, como a manutenção dessa aceleração, nesse sentido busca-se ampliar o conceito de inércia, em relação à visão de Rosa (2019).

Na marcante metáfora da *paralisia frenética [rasender Stillstand]* que devemos agradecer à engenhosa tradução [alemã] de *L`Inertie polaire*, de Paul Virilio, eles são reunidos de forma significativa em um diagnóstico *poshistoire no qual o frenesi* da história dos acontecimentos recobre apenas de forma precária, e por fim até engendra, a *estagnação* dos desenvolvimentos ideologicamente dinâmicos e das “estruturas profundas” (ROSA, 2019, p. 31).

Após observar os tipos de aceleração propostos por Rosa (2019), agora pretende-se apresentar as cinco categorias de desaceleração ou inércia, para que seja possível

compreender essa questão de maneira mais ampla, além de possibilitar a comparação dos dois processos.

*Aceleração e desaceleração* são, segundo essa interpretação, tendências temporais universais básicas de igual importância. [...]no processo de modernização, as forças de aceleração e desaceleração *não* se equilibram, estando distribuídas numa relação altamente unilateral. As detectáveis tendências à inércia podem ser interpretadas como residuais ou como formas de reação a processos de aceleração (e, por vezes, como *funcionais* à aceleração) (ROSA, 2019, p.45).

Rosa classificou em cinco categorias a desaceleração ou inércia (ROSA, 2019, p.160), que se caracterizam como: limites das velocidades naturais, ilhas de desaceleração, lentificação como efeito colateral disfuncional, desaceleração intencional (ideológica e como estratégia de aceleração) e enrijecimento estrutural e cultural (ROSA, 2019, p.159-178).

### **Enrijecimento estrutural e cultural**

A primeira desaceleração ou inércia descrita por Rosa (2019) se dá pelos limites de velocidade naturais. Essa desaceleração se caracteriza, como o título antecipa, através dos limites físicos e naturais que o ser humano ou a própria natureza física apresenta, perante a possibilidade de manter a aceleração esperada pela estrutura contemporânea da Hipermmodernidade. Essa desaceleração se apresenta quando o humano e a sociedade forçam o limite da natureza, principalmente, em relação a questão de produção e performance do sujeito. Nesse caso, ele ocorre tanto em nível individual, como global. Um exemplo dado por Rosa (2019) são os limites para o cérebro ou para o corpo “como em processos de percepção, assimilação de estímulos, de reação e também de regeneração” (ROSA, 2019, p. 161). Esse caso ocorre quando os processos sociais de aceleração são prejudicados, ou desacelerados, por um limite natural. Nesse caso, em específico para este artigo, esse processo de desaceleração acaba por causar alguns males psíquicos, os quais afligem o humano hipermoderno, e se apresentam através, do *burnout*, crise de ansiedade, pânico ou depressão.

Outro caso de desaceleração apresentada por Rosa (2019) ocorre em determinados locais, os quais ele denomina ilhas de desaceleração. Nesses lugares ou nesses grupos, ocorre uma resistência social aos processos de aceleração. Essas ilhas podem ser

observadas, quando determinadas comunidades buscam resistir aos imperativos da produção no capitalismo. Como exemplo em comunidades fechadas, ou tribos isoladas.

A terceira desaceleração a que o autor se refere é a aquela causada por uma disfunção produzida pelos processos de aceleração e se denomina lentificação como efeito colateral disfuncional. Nesse caso, o próprio projeto de aceleração, acaba por causar sua desaceleração, como exemplo Rosa (2019) apresenta os congestionamentos de trânsito, os quais deixam mais lentos os processos de locomoção do humano na Hipermodernidade, mas que são causados pela produção em massa, e pela necessidade de se locomover mais rapidamente pelos espaços para cumprir a necessidade de manter sua performance cada vez mais acelerada.

A quarta desaceleração, denominada como intencional, é dividida em duas: a desaceleração como ideologia, e como estratégia de aceleração. Nesses dois casos, o que diferencia dos outros processos, é a intencionalidade do ato. Em ambos os casos existe um “intuito consciente de desaceleração e lentificação social” (ROSA, 2019, p. 168). Nessa categoria de desaceleração intencional, o primeiro se dá por motivação ideológica, e se caracteriza quando um grupo de indivíduos busca se reunir e criar estratégias que produzam a lentificação social. No segundo caso, da desaceleração como estratégia, ocorre quando essa categoria é proposta, não como uma ideologia de vida, mas como uma estratégia de ampliar os processos de aceleração social. Nesse caso, é possível pensar que o rodízio criado na cidade de São Paulo, não visa a desaceleração, mas procura possibilitar que, de maneira mais eficiente, o trânsito possa fluir, fazendo, assim, com que o indivíduo possa cumprir sua performance de produção e utilidade de maneira mais acelerada. Essa é a função da desaceleração como estratégia de aceleração, ou seja, tornar o segundo processo mais eficiente, para que o indivíduo, ou a produção, não sejam obrigados a desacelerar.

Finalmente, o último processo de desaceleração observada por Rosa (2019) é o enrijecimento estrutural e cultural. Para o autor, esse tipo de desaceleração é uma “forma mais interessante” (ROSA, 2019, p. 177), “pelo menos na superfície” (ROSA, 2019, p. 177). Esse enrijecimento estrutural e cultural, conhecido também como cristalização, é um processo de lentificação social que se caracteriza na desconfiança de que as rápidas transformações seriam apenas efeitos superficiais, e que em sua estrutura básica, a aceleração na sociedade esteja produzindo, não as mudanças anunciadas, mas sim um enrijecimento das estruturas profundas.

Elas se baseiam na suspeita de que a contingência e a abertura das sociedades modernas, assim como sua mudança rápida e contínua são apenas aparências superficiais, na “superfície de uso”, enquanto suas estruturas profundas se tornam mais sólidas e rígidas (ROSA, 2019, p. 179).

Apresentado os conceitos de aceleração e desaceleração (inércia), de acordo com Rosa (2019), agora é possível pensar melhor nos efeitos que a desaceleração pode causar no humano hipermoderno, acostumado a viver cada dia num ritmo mais acelerado, esperando avidamente vivenciar inúmeras experiências em um presente cada vez mais comprimido em si mesmo. Nesse caso, considera-se a atual situação da pandemia de Covid-19 como sendo uma desaceleração por limite das velocidades naturais, pois acaba sendo imposta por um fenômeno físico ou natural, no caso, o avanço de uma doença.

### **Desaceleração, mal-estar e hipermodernidade**

A desaceleração ou inércia é percebida facilmente por uma experiência física. Basta frear um carro para percebê-la. Como a inércia é a tendência dos corpos de se manterem na situação em que se encontram, ao frear um carro, seu corpo tende a querer continuar em movimento, por isso é projetado para frente. Dessa forma, sofre-se o efeito da inércia no corpo, pois ao parar muito repentinamente, o corpo tende a continuar em movimento. Essa metáfora reflete o que o corpo e a mente do sujeito hipermoderno têm sofrido com a desaceleração provocada pela pandemia de Covid-19, uma vontade de se manter em movimento acelerado.

Essa desaceleração imposta por limites das velocidades naturais (ROSA, 2019), que se constituiu pela nova rotina imposta pelo Covid-19 ao sujeito hipermoderno, tem causado uma sensação de estagnação, incerteza e medo. Afinal, esse sujeito está acostumado com a competitividade, e com as exigências de uma alta performance no sentido de produção, mas agora, ele se vê prisioneiro de uma situação, onde precisa, não por vontade, mas por imposição, diminuir a sua velocidade.

Dessa forma, observa-se que o ritmo acelerado e descontínuo da contemporaneidade, está sendo substituído por um tempo mais lento, isso incomoda o sujeito hipermoderno, acostumado com sua hiperatividade, segundo Joel Birman (2012). Ou seja, o imperativo do agir precisaria ser substituído pelo refletir.

Se a condição de ser ao mesmo tempo pausada e reflexiva delineava o estilo de ser na modernidade, não obstante as descontinuidades e as rupturas intempestivas que o marcavam e caracterizaram, a aceleração do sujeito é o que se destaca na contemporaneidade. O ser interiorizado no registro do pensamento se transforma no ser exteriorizado e performático que quer agir, antes de mais nada. Assim, a *hiperatividade* se impõe. Age-se frequentemente sem que se pense naquilo a que se visa com a ação de forma que os indivíduos nem sempre sabem dizer o que os leva a agir. O sujeito da ação tem a marca da *indeterminação*. No *cogito* da atualidade, o que se enuncia ostensivamente é: *agir*, logo *existir*. O agir é o imperativo *categorico* na contemporaneidade (BIRMAN, 2012, p. 81).

Essa mudança de ritmo é que tem levado o humano da Hipermodernidade para uma sensação de incerteza, pois torna-se difícil diminuir o ritmo da performance, acostumado há anos à aceleração. Gerando um novo tipo de mal-estar, o qual, para Birman (2012), não se centra no sofrimento, mas na dor. Em que seu registro se dá no corpo e na ação.

No lugar das antigas modalidades de sofrimentos centrados no *conflito* psíquico, nos quais se opunham os imperativos das pulsões e os das interdições morais, o mal-estar se evidencia agora como dor, inscrevendo-se nos registros do *corpo*, da ação e das *intensidades* (BIRMAN, 2012, p. 65).

Por causa dessa desaceleração o sujeito hipermoderno tem apresentado, nesse período de isolamento social e diminuição do ritmo de vida, uma desaceleração de suas experiências de vida, e de sua produção. Ou seja, uma diminuição da ação. Essa diminuição da ação tem produzido uma dor, a qual tem desenvolvido um crescimento do mal-estar desse sujeito, em relação à sua organização pessoal, e o imperativo de aceleração da sociedade hipermoderna.

A questão do aumento dos casos de depressão e ansiedade pode ser verificada através de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenada pelo Prof. Alberto Filqueiras. Segundo a pesquisa, entre os meses de março e abril de 2020, o percentual de indivíduos que indicaram sintomas de depressão aumentou exponencialmente, saindo de 4,2% em março, para 8,0% em abril. Já, com os casos de crise de ansiedade, os dados foram de 8,7% em março, para 14,9% em abril (FILGUEIRAS e STULTS-KOLEHMAINEN, 2020; SAMPAIO, 2020; UERJ, 2020 e CNN, 2020). Ou seja, no período de isolamento, os casos de depressão e ansiedade praticamente dobraram. Observando esse aumento,

acredita-se que um dos responsáveis por ele (não o único) é o processo de desaceleração sofrido pela população por causa da pandemia de Covid-19.

Contudo, não é possível afirmar que somente o processo de desaceleração produziu esse resultado, pois de acordo com Filgueiras (2020), as pessoas em confinamento não foram as únicas a contribuir com esse aumento, pois os maiores níveis de adoecimento, foram, justamente, das pessoas que precisavam sair de casa.

Ao contrário do que pensamos, pessoas no confinamento não tendem a adoecer mais mentalmente. Aquelas que precisam sair de casa para trabalhar diariamente foram as que apresentaram os maiores níveis de adoecimento mental (CNN, 2020).

Logo, o que pode se retirar dessa pesquisa, é que não somente a desaceleração do ritmo de vida, nem sua aceleração, são os únicos responsáveis pelo aumento do mal-estar da população durante a pandemia de Covid-19, mas, provavelmente, a tensão entre esses dois fenômenos é que tenha proporcionado, juntamente com outras causas, esse aumento nos casos de depressão e ansiedade. Acredita-se que essa sensação de falta de sincronia entre aceleração e desaceleração esteja pressionando a saúde mental do humano da Hipermodernidade na época do isolamento pelo Covid-19, fazendo aumentar a proporção de doenças psíquicas.

A partir dessa pesquisa é possível observar que o humano da Hipermodernidade parece sentir essa falta de sincronia entre o tempo acelerado do mundo anterior, com o tempo desacelerado do mundo perante a pandemia de Covid-19. Essa falta de sincronia tem levado o humano hipermoderno a desenvolver alguns sintomas como o estresse e a ansiedade, além de apresentar quadros psíquicos de depressão, crise de ansiedade e *burnout*, por exemplo.

Nesse momento, o leitor pode estranhar a presença do *burnout* aqui, pois ele aparece geralmente relacionado, principalmente, à aceleração do ritmo de trabalho. No entanto, para Rosa (2019), o *burnout* tem mais relação com a falta de capacidade de projetar o futuro, do que com a aceleração e a compressão do presente. Para o autor, a principal causa do *burnout* é a corrida no mesmo lugar que o sujeito hipermoderno realiza, quando acelera sua performance, apenas para se manter na mesma posição.

Segundo minha perspectiva (e sobre bases de evidências empíricas), o *burnout* não é causado por muito trabalho, nem pela imposição de um andar mais rápido [...], mas pela ausência de qualquer horizonte em

direção ao qual se dirigir[...]. O fato de que as pessoas devem “correr sempre mais rápido apenas para manter-se em seus lugares” as esgota (ROSA, 2019, p. 26).

Dessa forma, o *burnout* não é apenas um mal da aceleração, mas tem como base principal, a dificuldade do ser humano em projetar um futuro, e, embora a pesquisa não demonstre, acredita-se que, se for feita uma pesquisa sobre o *burnout*, ele também irá demonstrar um aumento, principalmente para aqueles que não ficaram em isolamento. Refletindo sobre essa questão, torna-se possível projetar uma próxima pesquisa, tendo como hipótese o fato de que os casos de *burnout* aumentaram em meio aos profissionais da saúde, expostos à aceleração dos casos da doença, mas vivenciando a desaceleração no ambiente familiar.

Sendo assim, chega-se à conclusão, tomando essa pesquisa como base, que, diferente do que se tinha como hipótese inicial, *burnout*, depressão, estresse, crise de ansiedade são males que aumentaram sua incidência durante o isolamento causado pela pandemia de Covid-19, mas tem como uma de suas causas (não a única) o processo de falta de sincronia entre a aceleração e desaceleração que a sociedade tem vivido nesse período.

### Considerações Finais

Com isso, a mudança de ritmo imposta pelo Covid-19 ao sujeito hipermoderno, ou seja, a desaceleração repentina da velocidade de produção e de performance, em contraste com o contínuo processo de aceleração nos últimos anos, acabaram levando esse sujeito a sentir uma vertigem produzida pelo efeito da inércia, criada pela freada que as medidas tomadas para conter o avanço da doença promoveram. Com essa desaceleração, o humano da Hipermodernidade perdeu o sentido de produção acelerada, se vendo obrigado a viver essa nova normalidade a qual não estava mais acostumado. Devido a essa desaceleração repentina, em descompasso com a aceleração, acabaram por provocar o aumento dos casos de depressão e ansiedade no ambiente social. Ao se ver condenado a uma vida com um ritmo mais tranquilo, menos acelerado, o sujeito competitivo e da performance hipermoderna, perde seu sentido na vida e precisa reinventar seu cotidiano. Dessa forma, uma maneira de combater esses sintomas psíquicos na população, seria, por incrível que pareça, ensiná-la a novamente viver de maneira menos acelerada. Ou seja, a paz, os momentos de reflexão e silêncio, ao invés de

ser uma benção, são os castigos do sujeito da Hipermodernidade, pois ele já havia se acostumado com a aceleração frenética. Tendo em vista essas questões, o único conselho que pode ser dado é: calma, respire e procure curtir essa desaceleração, até que, em um futuro breve, a aceleração retorne, e, de forma menos invasiva, entre em sincronia com os processos de desaceleração, para que seja possível ao humano da Hipermodernidade viver de maneira mais equilibrada, e menos dinâmica. Apenas resta esperar para ver o que essa nova normalidade trará, ou não, de mudanças no ritmo de vida da sociedade.

## Referências

- BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BIRMAN, J. **O Sujeito Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CNN. **Estudo indica aumento em casos de depressão durante pandemia**. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/05/09/estudo-indica-aumento-em-casos-de-depressao-durante-isolamento-social>. Acesso em: 06 jul. 2020.
- FILGUEIRAS, A. e STULTS-KOLEHMAINEN, M. **The Relationship Between Behavioural and Psychosocial Factors Among Brazilians in Quarantine Due to COVID-19**. Disponível: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3566245](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3566245). Acesso em 25 set. 2020.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. São Paulo: Cultrix, 2016.
- ROSA, H. **Aceleração A transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Unesp, 2019.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SAMPAIO, J. **Casos de depressão e de ansiedade dobram durante quarentena**. Disponível: <https://veja.abril.com.br/saude/casos-de-depressao-e-de-ansiedade-dobram-durante-quarentena/> Acesso em: 06 jul. 2020.
- UERJ. **Pesquisa da Uerj indica aumento de casos de depressão entre brasileiros durante a quarentena**. Disponível: <https://www.uerj.br/noticia/11028/>, Acesso em: jul. 2020.

---

<sup>a</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica PUC/SP, Mestre em Comunicação e Semiótica PUC/SP e Bacharel em Artes Plásticas pela Unesp. Professor nas áreas de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de Artes do Colégio Giordano Bruno. Autor e Ilustrador com os seguintes livros publicados: A Herança Simbólica na Azulejaria Barroca (2012).

O Livro dos Labirintos (2004). Ovelhas e Lobos (2002), Beleléu (2003/ PNL D 2004), O Seu Lugar (2005/ PNL D 2006), Um Mundo Melhor (2006), Beleléu e os Números (2009), Beleléu e as Cores (2010), Beleléu e as Formas (2011), Beleléu e as palavras (2014).

**Conflito de interesses**

Não há conflito de interesses.